

## A LITERATURA INFANTIL NA DÉCADA DE 50: UM OLHAR PARA ALGUMAS EDIÇÕES DA REVISTA DO ENSINO DO RIO GRANDE DO SUL

### CHILDREN'S LITERATURE IN THE 50'S: A LOOK AT SOME EDITIONS OF REVISTA DO ENSINO OF RIO GRANDE DO SUL

Alessandro Bica,  
Raissa Lamadril  
Zíla Rêgo

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo realizar uma análise sobre as concepções que envolviam a literatura infantil na década de 50, através da sua inserção na Revista do Ensino do Rio Grande do Sul. O *corpus documental* consistiu em quatro periódicos que circularam nos meses de março e maio de 1952, setembro de 1953 e março-abril de 1954. Os fundamentos teóricos, portanto, envolvem estudos da sociologia da leitura, com Chartier (1996) e Bretas (2013), sobre leitura e literatura infantil, a partir de Zilberman (1991) e da história da educação, com Tambara, Quadros e Bastos (2007) e Romanelli (1993). A análise das fontes considerou a ideia de infância, a concepção de leitura literária e o tipo de abordagem sugerida à literatura infantil nas edições das revistas pesquisadas, mas, em especial, nas seções “Biblioteca Escolar Infantil”, “Literatura Infantil” e “Contos para seus alunos”. Como metodologia, utilizou-se a análise documental com Pimentel (2001), a partir do Paradigma Indiciário de Ginzburg (1989). Os resultados obtidos mostram que o periódico trazia uma concepção de leitura utilitária, apenas como conhecimento, confirmada pela classificação dos livros em “úteis” e “recreativos”. Também trazia a preocupação em relação à formação da bibliotecária, à utilidade dos livros e ao vínculo do gênero literário com a escolarização. Conclui-se que, a partir das pequenas inserções referentes à leitura e à literatura, o periódico demonstrava o interesse em propiciar o acesso aos livros pelas crianças, embora tendo o caráter controlador.

**Abstract:** This work aims to carry out an analysis of the conceptions that involved Children's Literature in the 50's through its insertion in the Revista do Ensino of Rio Grande do Sul. The documents of this investigation consisted of four periodicals that circulated in March and May 1952, September 1953 and March-April 1954. The theoretical foundations, therefore, involve studies on the sociology of reading, with Chartier (1996) and Bretas (2013), and on the history of education, with Tambara, Quadros and Bastos (2007) and Romanelli (1993). The analysis of the sources considered the idea of childhood, the conception of literary reading and the type of approach suggested to children's literature in the editions of the researched magazines, but, in particular, in the sections “Children's School Library”, “Children's Literature” and “Stories for your students”. As a research methodology, we used document analysis with Pimentel (2001), from the Indiciary Paradigm of Ginzburg (1989). The results obtained show that the periodical had a concept of utilitarian reading, just as knowledge, confirmed by the classification of books as “useful” and “recreational”. It also raised concerns about the training of librarians, the usefulness of books, and the link between the literary genre and schooling. Finally, it is concluded that, from the small insertions referring to reading and literature, the periodical showed an interest in providing children's access to books, although it always had a controlling character.

Keywords: Children's Literature; Reading; Revista do Ensino.

## Introdução

Este trabalho faz parte da pesquisa intitulada “*Educação, História e Políticas na região de abrangência da Universidade Federal do Pampa*”, e com ele busca-se fazer uma análise sobre as concepções que envolviam a literatura infantil na década de 50, a partir de sua inserção na Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (RE). O *corpus* que embasou esta investigação consiste em quatro exemplares do periódico, que circularam nos meses de março e maio de 1952, setembro de 1953 e março-abril de 1954<sup>1</sup>.

A Revista do Ensino do Rio Grande do Sul, criada pela Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul, com publicações feitas, majoritariamente, separadas por cada mês do ano, era destinada aos professores da rede estadual de ensino, com conteúdos referentes ao Ensino Primário, tais como português, matemática, geografia e inglês.

Entende-se a importância da leitura e da literatura para a formação humana e que é, através dela, que surgem as mais diversas maneiras de compreender e ver o mundo. A leitura permite o desenvolvimento dos mais diferentes sentimentos, tanto a quem lê, quanto a quem ouve. É mediante este contato, que pode ser feito das mais diversas formas, que as sensações presentes no íntimo de cada espectador/leitor são descobertas e podem ser ampliadas.

É, também, por meio da leitura que o leitor tem a oportunidade de percorrer outros caminhos antes por ele desconhecidos. Neste processo, a imaginação, a fantasia e a verossimilhança caminham lado a lado e são fundamentais na construção e formação dos seres humanos, pois, só assim, as possibilidades de transitar por universos bastante diferentes é possível.

Neste mesmo sentido, a leitura colabora para o universo infantil, é mediante o contato com os livros que a criança, ou o leitor infantil, desvenda suas mais singulares e intrínsecas sensações, encontra-se usufruindo de sua imaginação, depara-se com personagens antes já idealizados e, com o passar do tempo e com o maior contato com as obras, desperta cada vez mais o desejo de seguir lendo, ouvindo ou, até mesmo, criando histórias.

Sabendo da importância da literatura infantil, do processo de leitura, e do quanto eles fornecem ferramentas que contribuem para o desenvolvimento físico, psicológico, cognitivo e social do indivíduo, nesse caso a criança, que surge o interesse em analisar como ela, a literatura infantil, era vista e compreendida na Revista do Ensino do Rio Grande do Sul, na década de 50, nos exemplares analisados, uma vez que este impresso era a principal referência dos professores do ensino primário, com orientações didático-pedagógicas (BASTOS, 2002).

---

<sup>1</sup> Disponíveis em: <http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/revistas/>

No entanto, é válido ressaltar que a criança, nos primórdios da produção literária para a infância na Europa, era vista como um “*mini adulto*”, que participava dos mesmos eventos que os adultos e, inclusive, partilhava da mesma literatura. Tempos depois, com a expansão da indústria e a ascensão da família burguesa, surge o conceito de “infância”, consistindo justamente no olhar à criança, a esse ser que possui interesses e características próprias. Entretanto, nesse cenário, o imaginário e o lúdico não eram ainda reconhecidos. No Brasil, a literatura infantil seguiu o padrão europeu, mantendo-se vinculada ao processo de escolarização e, muitas vezes, ignorando as particularidades e interesses do leitor visado.

Sendo assim, o que será apresentado a seguir ilustra qual era a compreensão e o entendimento que se tinha de literatura infantil na década de 50, e o que esse “veículo de orientações didático-pedagógicas” abrangia, informações essas analisadas a partir da Sociologia da Leitura, que se preocupa com quem lê, o que lê, porque lê e como lê (GONÇALVES, 2003). A partir disso, entende-se que a literatura é fruto de um ato concreto, denominado aqui como leitura (GONÇALVES, 2003). Assim, será estendido esse conceito também à literatura infantil que, igualmente, precisou de um ato de leitura.

Portanto, para a análise da concepção da literatura infantil no periódico, são considerados aspectos da Sociologia da Leitura com Chartier (1996), Bretas (2013) e Gonçalves (2013), e da História da Educação com Tambara, Bastos e Quadros (2007) e Romanelli (1993), entre outros, uma vez que o contexto histórico-social da década de 50 confirma as produções literárias reproduzidas na Revista.

Entretanto, é válido antecipar, que o sistema literário é composto pela tríade escritor-obra-leitor, tendo essa última instância, consoante Zilberman (2001), com menor atenção. Nesta perspectiva, insere-se a Sociologia da Leitura que tem o *leitor* como fator essencial, analisando, também, aspectos referentes às interferências externas, isto é, como as conexões relacionadas às estruturas sociais e ideológicas interferem na reprodução da obra expressa, a Revista do Ensino.

Dessa forma, será analisado o periódico como um todo, mas, em especial, as seções “*Biblioteca Escolar Infantil*”, “*Literatura Infantil*” e a seção “*Contos para seus alunos*”, que eram fixas nas edições da revista. Esta última, permite a quem maneja ou tem acesso à revista compreendê-la como uma continuidade da seção *Biblioteca Escolar Infantil*.

Para isso, ou seja, para a investigação, foram elencadas três categorias de análise, elas consideram: (i) a ideia de infância, (ii) a concepção de leitura literária e (iii) o tipo de abordagem sugerida à literatura infantil.

Por fim, como metodologia, adotou-se a análise documental a partir do Paradigma Indiciário de Ginzburg (1989), que é centrado em resquícios, pistas, indícios e sinais que sugerem uma concepção de literatura infantil presente no documento, assim, como realmente pistas para a construção desta pesquisa.

### **A Leitura no Brasil**

Antes de iniciar a trajetória da leitura no Brasil, cabe aqui um excerto de Regina Zilberman, que pontua precisamente sobre o quanto Leitura, Literatura Infantil e História da Educação estão, intimamente, relacionadas. Assim, já justificando a escolha de tratar desses três assuntos juntos.

[...] uma história da leitura - e, portanto, seu braço direito, a história da literatura - se corresponde com a história da educação. Graças a essa associação, indica quão próxima a literatura, abrindo mão da aura que a sociedade burguesa, via institucionalização, lhe confere, está do ensino, da sala de aula e do professor. (ZILBERMAN, 1999, p. 47)

Por se tratar de uma pesquisa que também se ancora nos estudos da História da Educação, já que esse campo teórico auxilia em uma melhor compreensão sobre as motivações que justificam as escolhas de quais produções literárias são ou não inseridas na revista, cabem aqui alguns resgates sobre o contexto sócio-histórico da época e, ainda, sobre como encontrava-se o processo de leitura no Brasil.

Até meados do século XIX, os livros de leitura eram praticamente inexistentes nas escolas brasileiras, até porque neste momento da história raríssimos eram os números de instituições escolares. Diante disso, as escolas utilizavam para fins de leitura, textos manuscritos, como relato de viajantes.

Com o aumento do número de habitantes, algumas questões culturais foram alteradas e a *instrução* e a *educação* passaram a ser vistas como fundamentais para o desenvolvimento econômico e, também, cultural do país. Passando a ser entendida como uma forma de “civilidade”.

Só então a partir da segunda metade do século XIX que os livros começaram a ser produzidos e surgirem no país, mas, ainda assim, eram destinados às séries iniciais da escolarização. Um pouco mais tarde, mas ainda nesse século, alguns outros livros de leitura foram produzidos, embora, preocupados não apenas em trazer à criança instrução, mas, também, lições relacionada à moral.

Já no século XX, especificamente a partir da década de 20 até por volta da década de 50, inúmeros livros de leitura foram produzidos, e as editoras começaram a especializarem-se ou, dedicar maior atenção, à produção de livros didáticos. Entretanto, há de se pensar que a leitura estava associada às instituições escolares. Ainda não se tinha um olhar para a mesma como ferramenta que pode proporcionar ao leitor o desenvolvimento de sua imaginação.

Com a produção literária crescendo, quem conquistou espaço, foi a literatura infantil, dando ouvidos ou atendendo uma outra esfera da população, que até então vinha sendo ignorada. Entretanto, há ainda de se pensar que, especificamente no Brasil, na década de 50, o ensino primário estava em um processo bastante turbulento, a iniciar por quem podia frequentá-lo. Por isso, metade das crianças ainda não eram alfabetizadas, embora a função da escola primária fosse “apenas” ensinar a ler e escrever.

Ora, diante deste cenário, embora com o aumento do mercado livreiro, paralelo a ele, existia uma face do Brasil que sequer tinha acesso à escola, tampouco teria à leitura. Assim, o processo de leitura, embora tenha buscado a tentativa de consolidação na década de 50, com auxílio do mercado editorial, que também debruçou-se sobre a produção de livros didáticos, trazia consigo um leitor com caráter utilitário, preocupado com a formação.

Além do mais, a busca a fim de estabilizar o acesso à leitura não era com o objetivo de que as crianças tivessem acesso a livros ou obras literárias, mas, sim, que por meio delas pudessem ter mais um acesso às questões de formação, ou seja, que a leitura fosse mais uma maneira de instrução. Na seção de análise poderá se constatar que a Revista do Ensino confirmava essas produções.

### **A literatura infantil no Brasil**

A história da literatura infantil surge em meados do século XVIII, na Europa, quando tem início as discussões sobre a criança e a separação da vida infantil da vida adulta. Neste momento, a criança é vista como um ser que necessita de atenção, e que fatores como idade são considerados importantes para esse desenvolvimento pleno. Diferentemente de séculos antes, onde a infância não tinha espaço e as crianças compartilhavam de todas as ocasiões com os adultos, mesmo não possuindo poder decisório. Por essa falta de cuidado especial que essa fase da vida exige, as taxas de mortalidade eram bastante elevadas. No que se refere a isso, Zilberman (2003) afirma com base em Ritcher:

Na sociedade antiga, não havia “infância”: nenhum espaço separado do “mundo adulto”. As crianças trabalhavam e viviam junto com os adultos, testemunhavam os processos naturais da existência (nascimento, doença, morte), participavam junto

deles da vida pública (política), nas festas, guerras, audiências, execuções, etc., tendo assim seu lugar assegurado nas tradições culturais comuns: na narração de histórias, nos cantos, nos jogos. (RITCHER, apud ZILBERMAN, 2003, p. 36)

No entanto, ainda há de se pensar, que a literatura infantil surgiu em meio a um cenário onde cursos como Pedagogia e Psicologia estavam sendo criados. Dessa forma, muitas foram e, por vezes ainda ocorrem, as confusões referente à literatura, confundindo-a ou concebendo-a com o caráter didático-pedagógico, pois, na época, muitas histórias eram elaboradas apenas para serem utilizadas como ferramentas de ensino.

É preciso, também, pontuar que a literatura infantil surgiu com características próprias, conforme Zilberman (2003). Aspectos como a ascensão da família burguesa e a reorganização da escola proporcionaram um novo “*status*” para a infância na sociedade, estabelecendo, a partir de então, um laço entre família, como parceira interna, e escola.

Entretanto, é preciso pensar que a literatura que estava eclodindo não tinha como pretensão alcançar todas as crianças, pois, originalmente, ela estava sendo pensada para os filhos da parte burguesa da sociedade, estes que, por sua vez, já tinham livre acesso à sociedade letrada. Uma das explicações apontadas por Zilberman (2003), refere-se justamente a essa segregação da literatura:

A criança burguesa deve ser preparada para assumir sua função dirigente, a criança pobre precisa ser amparada para se converter em mão-de-obra. Em ambos os casos, a finalidade social é única, porém o treino recebido é personalizado: para liderar o ser humano demanda unidade interior e saúde mental, enquanto ao proletariado, para cumprir sua missão, são exigidas confiança na classe dominante e saúde física. (ZILBERMAN & MAGALHÃES, 1984, p. 24)

Visto que as obras adaptadas vindas para o Brasil eram de origem europeia, em 1920, quem rompe com essa tendência é Monteiro Lobato. Então, já no século XX, a literatura *lobatiana* nasce com a característica de retratar a sociedade típica brasileira, bem como as questões sociais de sua época. O autor, então, desenvolve um olhar crítico e transparente da realidade brasileira, refletido em suas obras, trazendo consigo o imaginário e o lúdico, até então guardados.

Lobato não se preocupava apenas em produzir livros, mas, também, oportunizar a seu público uma vasta compreensão sobre a sociedade, o mundo e suas ramificações. A literatura *lobatiana* é marcada, também, pela incessante vontade de proporcionar à criança o conhecimento de si e do mundo, permitindo-lhe uma compreensão não só nos aspectos que se referem à obra, mas instigando-a a ampliar seus horizontes. Lobato tinha o interesse em formar leitores.

A literatura, neste momento, com a explosão do referido autor, começa a considerar aspectos até hoje muito importantes, dentre eles a aventura. Coelho (1991, p. 223) vai afirmar que o pai da literatura infantil trilha: “o caminho criador que a literatura infantil estava necessitando. Rompe, pela raiz, com as convenções estereotipadas e abre as portas para as novas ideias e formas que o nosso século exigia”.

Monteiro Lobato resolve dar voz a essa criança, resgatá-la do ambiente em que estava inserida, onde não existia espaço para a imaginação, dessa forma, suas obras já nascem repletas de peculiaridades, a iniciar por permitir à criança ser o que melhor poderiam ser: crianças. Além disso, Lobato traz em suas obras, críticas à sociedade conservadora, ligada às oligarquias rurais, presente na década de 1950.

Entretanto, embora a obra infantil de Lobato tenha nascido com a iniciativa de “dar voz às crianças”, em paralelo, havia um Brasil preocupado em reforçar valores morais, ou seja, concomitantemente, na década de 50, existia de um lado alguém preocupado em “investir” na infância, e, por outro, pessoas (Estado) preocupados em reforçar ideias patrióticas, em manter hierarquias e manter a infância submetida ao poder adulto.

Dessa forma, era bastante frequente em literatura infantil a exaltação à Terra, a veneração por seus símbolos, afeição pelos valores cívicos ou de tradição cristã, a fim de incutir nos pequenos leitores, desde já, o apreço ao país. Assim, entende-se que a literatura infantil continuava tendo como missão a formação, já que permanecia intimamente relacionada a aspectos ligados à moral, à religião e à virtude.

Em síntese, pode-se dizer que havia a preocupação em fornecer a literatura infantil, entretanto, com determinado controle, atendendo, também, aos desejos da sociedade e do poder vigente daquela época.

### **A Revista do Ensino do Rio Grande do Sul e a Literatura Infantil**

Uma breve discussão sobre a relevância da Revista já foi feita no início deste trabalho, justificando o porquê da escolha deste *corpus documental*, ademais nem é do objetivo desta pesquisa expor aqui o histórico da RE. Entretanto, a fim de melhor sustentação da análise que foi feita no periódico, algumas considerações se fazem necessárias. A iniciar pelo início da trajetória do impresso, melhor explicada por Bastos (2002):

Vinculada à Secretaria de Educação e Saúde Pública, desde setembro de 1939, a revista procurava ser para o seu público leitor - magistério rio-grandense - um veículo das orientações didático-pedagógicas, da legislação do ensino, de notícias

educacionais, em suma, da política educacional. Durante os anos de sua publicação constituiu-se num significativo instrumento da doutrina pedagógica oficial; tribuna para diferentes especialistas, que expuseram seus pensamentos, refletindo o movimento de ideias, em nível regional e nacional (BASTOS, 2002, p. 50).

Uma outra consideração, em especial, se dá pelo fato de que a RE foi dividida por fases, tendo a primeira de 1939 a 1942, sendo interrompida e voltando circular em 1951<sup>2</sup>. A importância de trazer esse episódio se dá pelo fato de que a análise que aqui foi feita se deu em um período em que a Revista estava se consolidando novamente, passando em 1956 “a ser uma publicação oficial sob a supervisão técnica do Centro de Pesquisas e Orientações Educacionais – CPOE/RS, divulgando as orientações pedagógicas desse centro de pesquisa” (BASTOS, 2005, p. 338), órgão que desempenhou relevante papel no que refere-se ao ensino primário no Rio Grande do Sul.

Assim, cabia ao CPOE oferecer assistência no que refere-se à educação primária, instalando-se exatamente em um momento de expansão da escolarização no Rio Grande do Sul (QUADROS, 2006, p. 131).

Interessa, portanto, que, por ser um documento da imprensa e, por consequência, oficial, e, entendendo que o contexto pedagógico de 1950 no Estado estava tempestuoso, preocupado com a formação “moral” das crianças, a RE procurava em suas edições facilitar a circulação de obras consideradas “sadias” ao público infantil, pois, sendo um órgão do Estado, e estando destinado ao corpo docente, maiores eram as chances de facilitar esse “acesso” às obras “sadias” pelas crianças.

Dessa forma, pode-se afirmar que a RE era porta voz do Estado, a fim de fazer circular as normas da sociedade da época, mesmo que para isso, tenha que se valer da leitura e/ou literatura.

Por fim, algumas raras pesquisas apontam que os professores que produziam conteúdo para a RE, eram professores ligados à Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul e, posteriormente, ao CPOE. Entretanto, por mais que seja possível observar, principalmente nas seções em análise, uma frequência quanto às pessoas que assinavam as matérias, maiores informações não foram encontradas<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Para mais informações ver Revista do Ensino/RS e Maria de Lourdes Gastal: duas histórias em conexão. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/28911/pdf>.

<sup>3</sup> Eliane Peres, em sua tese, (<https://wp.ufpel.edu.br/hisales/files/2015/02/Tese-Eliane-Peres.pdf>) traz informações no que refere-se a quem eram as professoras das escolas primárias gaúchas, ou seja, público a quem esses conteúdos da Revista, era destinado.



Finalmente, e encaminhando-se para a análise a partir da inserção da literatura infantil na RE, que tem como categorias (i) a ideia de infância, (ii) a concepção de leitura literária e (iii) o tipo de abordagem sugerida à literatura infantil, faz-se necessário retomar algumas informações sobre as seções fixas da revista que embasaram a análise, evidenciadas no quadro 1.

QUADRO 1: Presença das Seções Fixas Analisadas nas Edições da RE

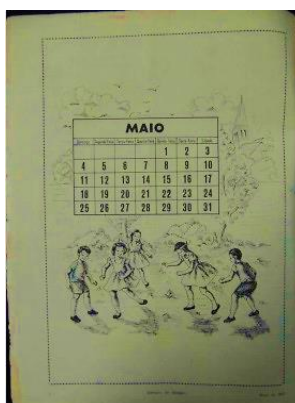
Seção/Edição	Março 1952	Maiο 1952	Setembro 1953	Março-Abril 1954
Biblioteca Escolar Infantil	X	X	X	X
Contos para seus alunos	X	X	X	X
Literatura Infantil				X

Fonte: Autores deste trabalho.

Como fica evidenciado pelo quadro acima (1), as seções “*Biblioteca Escolar Infantil*” e “*Contos para seus alunos*” estão presentes em todas as edições em análise, e tendo apenas a exceção da seção “*Literatura Infantil*”, presente apenas na última edição da RE. O que é, portanto, um avanço, considerando que o ano era 1950 e o termo (literatura infantil), estava presente em um documento oficial do Estado.

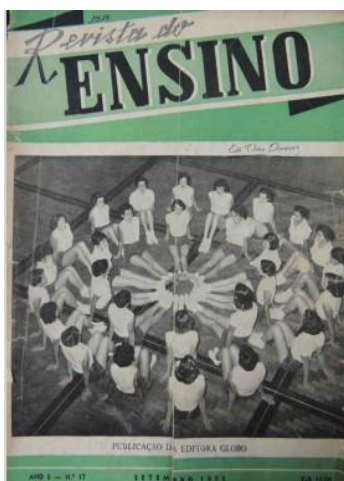
Assim, iniciando pela primeira categoria de análise, a que considera a ideia de infância, logo nas capas e contracapas das revistas existe um registro sobre uma possível concepção de infância, ou seja, indicativos de como ela era concebida naquela época. A exemplo, a imagem abaixo:

IMAGEM 1: Contracapa RE Maio de 1952 - crianças reunidas brincando



Fonte: Repositório Digital Tatu - Revista do Ensino do Rio Grande do Sul Maio 1952

Imagem 2: Indicativos quanto ao crescimento das crianças

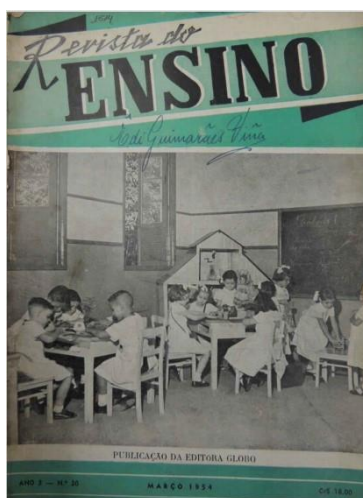


Fonte: Repositório Digital Tatu - Revista do Ensino do Rio Grande do Sul Setembro 1953

Conforme as imagens, as crianças possuíam uma determinada “liberdade” para brincar, a iniciar pela **não** separação em relação ao gênero, com indícios de que iam crescendo conforme as edições foram passando, aparecendo sempre muito felizes, com brincadeiras que, atualmente, ainda são associadas à infância. Salvo a exceção da RE de Março de 1954 (Imagem 3), que logo na capa, por ser uma sala de aula, tem diferenciação em relação ao gênero.

Essa separação vai se estender também na Biblioteca Escolar Infantil. São os dois lugares em que, evidentemente, existe separação quanto ao gênero. Tal fato revela também que, provavelmente, as leituras não eram as mesmas. A exemplo, a imagem abaixo:

Imagem 3: Indicativos quanto à separação da infância no ambiente escolar



Fonte: Repositório Digital Tatu - Revista do Ensino do Rio Grande do Sul Março 1954

À frente de sua época, na seção “Biblioteca Escolar Infantil”, escrita por uma Catedrática em Biblioteconomia, o impresso tem a preocupação quanto à formação da bibliotecária, formação essa que só foi ser regulamentada em 1998, no Brasil. Assim, a RE preocupava-se que esta pessoa, que tinha a responsabilidade de fazer a mediação entre leitor e livro, soubesse orientar corretamente as crianças nas escolhas dos livros ou revistas. Além disso, defendeu que talvez fosse necessária a ela uma formação em psicologia para que conhecesse as diversas faixas etárias e soubesse melhor fazer essa adaptação, considerando, então, as diferenças do público leitor.

Ainda há a incessante preocupação no que se refere ao espaço da biblioteca, que não poderia ser apenas um espaço de “aglomeração de livros”, as crianças precisavam se sentir atraídas e acolhidas neste lugar, como evidencia o excerto abaixo:

A biblioteca na escola infantil atual não é mais somente uma sala onde os livros **úteis** e **recreativos** são agrupados com ciência e arte e usados com eficiência. Eles estão nessa sala, mas nunca estão sós. Além dos jornais, revistas, mapas, bibliografias, estampas, quadros, discos, folhetos, projetores, armações, jogos - há permanentemente uma renovação de **medidas complementares** que enriquecem a biblioteca, imprimindo-lhe nova orientação, alegrando-a e despertando cada vez mais interesse e maior aproveitamento dos leitores. Os alunos, os professores, o meio social, o lar, a religião - trazem constantemente novas sugestões à professora - bibliotecária. (REVISTA DO ENSINO, 1952, p. 11 - GRIFOS NOSSOS)

A RE ainda vai adotar, para a biblioteca, a metáfora “jardim com flores”, enquanto à bibliotecária, a “cuidadora” deste jardim com flores. Existia uma atenção dedicada a esse espaço para que ele servisse como uma “incitação ao conhecimento”.

Ora, há de se reconhecer que a RE trazia considerações bastante avançadas ao seu tempo, e que buscava, de uma maneira ou de outra, facilitar o acesso a este espaço para as crianças. Mais um exemplo disso foram as “Medidas Complementares”, citadas acima, que consistiam em técnicas voltadas à animação da leitura, de modo que, com o passar do tempo, não se tornassem monótonas.

No que refere-se à concepção de leitura literária, presente com maior frequência na seção “Contos para seus Alunos”, existe um diferencial na RE de Março de 1954, onde se pode constatar que, pela primeira vez, o periódico tenta atender diferentes leitores, não apenas utilizando esta seção como mais uma oportunidade de encaixar poemas de teor moralizante ou cívico .

Os maiores avanços em relação à leitura literária presente no periódico são encontrados na seção “Literatura Infantil”, que, inclusive, vai aparecer com essa nomenclatura apenas na edição de 1954, como mencionado anteriormente. Nela são discutidos aspectos relacionados à

ênfase no atendimento às características infantis, como imaginação e curiosidade, trazendo aspectos referentes à base folclórica brasileira, ou seja, valorizando as matrizes brasileiras através de algumas brincadeiras, como jogos e parlendas.

A seção ainda vai apontar para algumas **críticas** ao processo de censura que alguns educadores, e até mesmo algumas diretrizes educacionais, vinham fazendo à literatura infantil e à imaginação infantil, aspectos estes bastante relevantes e que estavam em um impresso de origem do Estado destinado aos professores.

Além disso, a edição reconhece que o hábito de contar histórias para as crianças estava desaparecendo, tendo uma visão clara sobre a produção cultural que estava surgindo para a infância, com o papel de alimentar o imaginário. Ao fazer esse reconhecimento, também cita alguns autores, dentre eles, Monteiro Lobato e Hans Christian Andersen, que tiveram fundamental importância na literatura infantil, promovendo uma nova maneira de concebê-la. Essas informações foram recolhidas de um texto cuja autoria é do Departamento de Psicologia, assim, entende-se que estudos sobre a infância são fundamentais para entender as características infantis. Evidenciando que “quem escrevia sobre infância e literatura”, tinha alguma formação sobre.

Por outro lado, o periódico trazia, predominantemente, uma concepção de leitura utilitária, caracterizando os livros, na seção Biblioteca Escolar Infantil, como “úteis” e “recreativos”, tendo a primeira categoria maior prestígio. Além disso, trazia, em todos os periódicos analisados, na seção Contos para seus alunos, uma concepção de leitura voltada à formação, integrando a seção com poemas que fazem referência ao patriotismo, relacionados com a moral e os bons costumes, que vale lembrar, estavam diretamente ligados aos hábitos da sociedade vigente.

Ainda assim, vale destacar que fonte de informações “úteis” serviam para formar “homens”; aqui, entende-se que a imaginação, a curiosidade e a fantasia infantis são apenas um caminho para admirar vultos históricos (que, inclusive, eram frequentes na RE, em alternados momentos - em todas as edições do periódico - utilizados como mais uma maneira de deixar o pequeno leitor “por dentro” de quem estava sendo reverenciado na nação naquele momento), ou seja, desenvolver o civismo.

Nessa mesma linha, chama a atenção que, durante algumas seções do periódico, são apontados em relação à leitura, aspectos referentes ao desenvolvimento da criança, tais como maturidade intelectual, emocional, de experiência, visual-motora, auditiva e de linguagem. Porém, nenhuma dessas habilidades apareciam vinculadas ao conteúdo das obras de literatura

infantil, mas como desdobramentos da leitura por ela mesma, o que revela uma concepção limitada da relação leitor-obra, além de ser uma concepção bastante racional.

Em algumas seções da RE como um todo, a presença de fábulas, até mesmo de referências ao folclore nacional e poemas destinados às professoras, passíveis de entender como uma “leitura deleite” dos tempos atuais, eram frequentes.

Há de se reconhecer como positivas tais inserções, entretanto, acabam de cair na linha de seguir sendo um escape, para, no fim, estarem permeadas com alguma lição moral, ou até mesmo, lições religiosas. Em outras palavras, oferecer tais preceitos pela sedução da diversão.

Em síntese, e como já foi dito anteriormente, o periódico cumpria com a ideia de oferecer leitura e literatura às crianças, no entanto, de maneira controlada, justificados pelo contexto histórico-social do período em análise.

### **Considerações Finais**

Diante da análise que foi feita, não apenas da literatura infantil no periódico, mas, também, do contexto histórico da época, é possível concluir que a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul trazia uma ideia de infância, de leitura literária e de literatura infantil bem delineada, demonstrando preocupações a todo momento em trazer nas suas seções assuntos com caráter moralista e/ou formador.

Pode-se concluir, também, que ser criança era ser aprendiz de normas, embora tivesse o direito de desfrutar de um espaço agradável e motivador. Fato evidente é a preocupação quanto à formação da bibliotecária e à construção da Biblioteca Escolar Infantil. Não vingariam tais discussões, iniciadas por meio de um aparelho do Estado, se a criança não fosse vista como alguém que também tinha o direito a alimentar a imaginação.

É inegável, ainda, a preocupação que o periódico tinha quanto à adaptação obra-leitor, deixando claro que crianças da mesma faixa etária não desfrutavam da mesma leitura e literatura, justamente por terem interesses diferentes, imaginações que serão desenvolvidas de forma diferentes e, por isso, precisam de obras diversificadas, bem como alguém que faça essa mediação. Entretanto, é evidente que em vários momentos o hábito da leitura era visto como um viés para a escolarização, alternando assim, o controle com o acesso, justificados pela década de 50.

Dessa forma, pode-se afirmar que a literatura infantil se fazia presente em várias seções do impresso pedagógico e, muitas vezes, com abordagens bastante atuais, embora de maneira bastante delineada e, muitas vezes, limitada. No entanto, não se pode esquecer que o periódico

sofria pressões de um Estado que estava se consolidando, principalmente, nas questões que são relacionadas à Educação.

Assim, a RE abrangia as ordens de um Estado e país, que buscava incutir nos seres humanos desde pequenos o apreço à civilidade, mas, também, atender as demandas do mercado editorial e de uma nova produção literária para a infância que estavam rompendo com padrões previamente estabelecidos no que refere-se à leitura e a literatura infantil.

## Referências

BASTOS, Maria. Helena. Câmara. “As Revistas Pedagógicas e a Atualização do Professor: A Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1951-1992)”. In: CATANI, D. B.; BASTOS, M. H. C. *Educação em Revista: a imprensa periódica e a história da educação*. São Paulo: Escrituras, 2002.

BATISTA, A. A. G. Um objeto variável e instável: textos, impressos e livros didáticos. In: ABREU, M. *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 2000.

BRETAS, M. L. B. *Cinco diálogos sobre o livro e a leitura* entrevistas com especialistas franceses. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2013.

CHARTIER, R. A Leitura: uma prática cultural. In: CHARTIER, R. *Práticas de Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

COELHO, N. *Panorama Histórico da Literatura Infantil*. São Paulo: Ática, 1991.

GERVÁSIO, S. C. M. *A normatização do ensino primário no Rio Grande do Sul através dos impressos pedagógicos do CPOE/RS e da Revista do Ensino (1947-1971)*. 2019.136 f. Dissertação. (Mestrado) - Universidade Federal do Pampa. Bagé, 2019.

GINZBURG, C. *Mitos, emblemas e sinais* Morfologia e história. São Paulo: Schawarcz, 1989.

GONÇALVES, M de L. B. *Sociologia da Leitura - Uma abordagem teórica em busca do público leitor*. Disponível em: <http://revista.famma.br/unifamma/index.php/RevUNIFAMMA/article/view/10/7>

HÉBRAD, J. Três figuras de jovens leitores: alfabetização e escolarização do ponto de vista da história cultural. Tradução de Christian Pierre Kasper, Revisão Técnica: Márcia Abreu e Marisa Lajolo. In: ABREU, M. *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 2000.

LACERDA, L. M. Posfácio A História da Leitura no Brasil: Formas de ver e maneiras de ler. In: ABREU, M. *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 2000.

LAJOLO, M. ZILBERMAN, R. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

LAJOLO, M. ZILBERMAN, R. *A leitura rarefeita* livro e leitura no Brasil. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

OLIVEIRA, M. L. L. de; BATISTA, G. M.. Breve história da leitura escolar no Brasil: a formação de leitores. **Papéis**: Revista do Programa de Pós Graduação em Estudos de Linguagem UFMS. Campo Grande, vol. 22, n. 44, 2018, p. 64-85

PAIVA, A. A leitura censurada. In: ABREU, M. *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 2000.

PERES, E. T. *Aprendendo formas de pensar, de sentir e de agir – a escola como oficina da vida: discursos pedagógicos e práticas escolares da escola pública*. 2000. 507f.: Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2000.

PERES, E. T.; VAHL, M. M. ““Saneamento” da Literatura Infanto-Juvenil: O esforço do CPOE e da Revista do Ensino (RS)”. In: *Oficina do Historiador*. v. 8, n. 2, p.137-153, 2015

PIEIDADE, A. A. dos S. O sagrado na Literatura Infantil brasileira de 1950 a 1985. 2006 88f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

PIMENTEL, A. *O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica*. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/cp/n114/a08n114.pdf>>

QUADROS, C. de. *Reforma, ciência e profissionalização da educação: o Centro de Pesquisas e Orientação educacionais do rio Grande do Sul*. 2006 429f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Marília, 2006. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/8911>>

RODRIGUES, S. L; ALVES, C. R. da S. T; SOUZA, A. E. de; LAUXEN, S. de L.; BASSO, B. G. Literatura Infantil origem e tendências. In: XV Seminário Internacional de Educação do Mercosul. 15, 2013, Universidade Feevale

ROMANELLI, O. de O. A organização do Ensino e o Contexto Sócio-Político após 1930. In: ROMANELLI, O. de O. *História da Educação no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1993.

SANTOS, J. D. dos; MOLINA, A. A. “Literatura Infantil e Educação: Contar Histórias e formar leitores”. In: *Revista Travessias*. Paraná, vol. 10, n. 03, 2016, p. 126-140.

SILVA, A. L. da. “Trajetória da Literatura Infantil: da origem histórica e do conceito mercadológico ao caráter pedagógico da atualidade”. In: *REGRAD - Revista Eletrônica de Graduação da UNIVEM* vol. 2, n. 2, 2009, p. 135-149

SIQUEIRA, E. B. G. de. “Informação, Imaginário e Conhecimento na Literatura Infantil: da Educação Moralizante à formação da consciência do mundo”. *Caderno Discente do Instituto Superior de Educação*. Aparecida de Goiânia, n. 2, 2008, p. 63-88.

SOARES, G. P. Literatura Infantil Brasileira. *In: Semear Horizontes: Uma história da formação de leitores na Argentina e no Brasil, 1915-1954.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. p

TAMBARA, E. C.; Q., C. de; BASTOS, M. H. C. A Educação (1930-85). *In: BOEIRA, N; GOLIN, T. República - Da Revolução de 1930 à Ditadura Militar (1930 - 1985).* Passo Fundo, Méritos , 2007.

ZILBERMAN, Regina. A história da Leitura no Brasil. *In: O ensino da leitura e produção textual alternativas de renovação.* Pelotas, Educat, 1999.

ZILBERMAN, Regina. 2016. “Leituras para a infância no século XIX brasileiro”. *FronteiraZ: Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Crítica Literária da PUC-SP.* N. 17. p. 22-42. ISSN 1983-4373

ZILBERMAN, Regina; Lígia Cademartori Magalhães. 1987. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação.* São Paulo: Ática. p. 192. ISBN 8508004869